

Economia Subjetiva e Coordenação: F.A. Hayek contra a visão hermenêutica

Ricardo Luis Chaves Feijó¹

Introdução

Na evolução do pensamento econômico, F.A. Hayek aparece com um dos principais defensores da aplicação, neste domínio do saber, do enfoque subjetivista². A consideração da percepção subjetiva dos fatos econômicos pelos agentes é um ponto de partida para a análise econômica que, para Hayek, nunca deveria ausentar-se. O austríaco, porém, não é o primeiro, nem o único, e talvez nem o principal autor a enfatizar a perspectiva subjetivista. Ele e von Mises transmitiram esta mensagem aos adeptos da escola austríaca de economia e efetivamente tal enfoque impregnou-se nos trabalhos desta mesma³.

A economia subjetiva dos austríacos, entretanto, não é uma visão monolítica cujas bases estejam bem assentadas e sejam aceitas em absoluta ressonância por todos os membros dessa escola. Pelo contrário, os autores da doutrina austríaca construíram, entre eles, diferentes abordagens do subjetivismo, aderindo, cada qual, a um enfoque particular em função das suas idiossincrasias intelectuais. Entre os expoentes da escola assim chamada de neo-austríaca, Lackmann, Kirzner, Rothbard, Dollan, Don Lavoie, Shackle e Wiseman entre tantos outros, formulam visões particulares da natureza do subjetivismo⁴. Todos eles aderem à ênfase no subjetivismo mas o concebem de modo diferenciado. Há um espectro de visões que podemos caracterizar como partindo, de um extremo a outro, de um enfoque mais radical do subjetivismo a uma aplicação menos enfática desse postulado epistemológico.

Complicando ainda mais a questão, o subjetivismo não é um preceito encontrado apenas no interior da escola austríaca. A economia subjetiva tem ramificações também em outras escolas. Os fundamentalistas keynesianos, na linha dos autores intitulados de pós-keynesianos, compartilham com os austríacos a perspectiva subjetivista. O próprio Keynes, como é sabido, propõe uma epistemologia subjetivista para a economia. Comparações entre o enfoque keynesiano e o austríaco, neste tocante, têm surgido em trabalhos recentes na literatura⁵.

Ao se identificar a existência de uma ampla faixa de variações do subjetivismo entre os economistas, mister se faz situar a especificidade da abordagem hayekiana entre outras tantas abordagens distintas. Este esforço de identificação é útil, e mesmo necessário, para se entender diversos mal entendidos que cercam a compreensão de sua mensagem.

¹ Professor Assistente da FEA-USP de Ribeirão Preto e doutorando do IPE-USP.

² Sobre o pensamento de Hayek, no tocante ao subjetivismo, ver Hayek 1942, 1945, 1948a, 1948b, 1952, 1955, 1960, 1967a, 1967b, 1967c, 1967d, 1967e, 1967f, 1982a, 1982b, 1982c, 1985 e 1989.

³ Mises, 1949 e 1976.

⁴ Note-se que é algo arbitrário rotular os autores enquadrando-os em escolas.

⁵ Sobre a relação entre o subjetivismo de Keynes e o de Hayek, ver Butos e Koppl, 1995. Alguns autores, que apontamos anteriormente como representantes da escola neo-austríaca são, algumas vezes, associados à literatura pós-keynesiana, como Shackle e Lachmann.

Acreditamos, adicionalmente, que essa empreitada facilitaria o entendimento do que em Hayek pode ser visto como o seu mais ambicioso projeto intelectual, qual seja: explicar como a ação dos agentes, que formulam crenças subjetivas, é coordenada pelo mercado⁶. Situar, assim, o subjetivismo hayekiano é essencial para a compreensão do que consiste a problemática da coordenação em Hayek.

O presente artigo está estruturado em quatro seções. Na primeira, apresenta-se tão somente o significado de coordenação para Hayek e sua ligação com o subjetivismo. A seguir, discute-se as diferenças de subjetivismo entre os economistas austriacos. Em outro item, tais diferenças são catalogadas em dois grupos, contrapondo-se a visão de Hayek com a dos chamados subjetivistas radicais. Examina-se então como em cada vertente é tratado o problema da coordenação. Finalmente, à guisa de conclusão, discute-se o papel representado pelo sistema de preços nos processos coordenadores. Veremos nesse item que Hayek não acredita que a orientação dos preços seja suficiente para a efetivação desses processos.

O significado de Coordenação para Hayek

Discute-se, a seguir, o que Hayek entende por “coordenação”, mostrando que este conceito está intrinsecamente ligado à sua visão do subjetivismo. Como é possível para ele avaliar-se até que ponto o mercado cumpre a sua função coordenadora? O que seria, para ele, a coordenação entre as ações individuais, vez que tal problema não se resolve aqui pela ênfase no equilíbrio, pois Hayek vê o mercado como um processo de desequilíbrio?

O mercado não pode ser concebido como um estado de equilíbrio final⁷. Assim, temos de buscar, dentro dessa visão de processualidade do mercado, como é avaliado o grau em que, em cada momento, ele exerce sua função coordenadora das ações dos agentes. Os critérios tradicionais da teoria econômica não se aplicam à idéia hayekiana de coordenação. Não se pode dizer, por exemplo, que o mercado cumpre plenamente essa função quando as ações individuais atingem um ponto de “ótimo de Pareto”. O conceito de ótimo paretiano é usado tradicionalmente para avaliar a desejabilidade, do ponto de vista do bem-estar econômico, de certas situações. É um estado em que as ações dos agentes estão dispostas de tal modo que nenhuma ação adicional por parte de quaisquer deles poderia simultaneamente melhorar a situação de quem age sem prejuízos para a posição de pelo menos um dos demais indivíduos. O critério paretiano é essencialmente estático, ele serve para comparar situações de equilíbrio, não se aplicando, portanto, numa descrição dinâmica e processual do mercado.

Em termos dinâmicos, a boa coordenação pressupõe ações bem concatenadas entre os agentes, não no sentido da consistência entre os planos individuais em cada instante. Isto seria aceitar a existência do equilíbrio, mas significando precisamente que estas ações são, por meio de seus efeitos, auto-corretivas e direcionam também as ações dos demais para um curso mais adequado. A coordenação em Hayek diz respeito à efetivação do processo de aprendizagem dos agentes no mercado. Os indivíduos aprendem a interpretar corretamente as informações dispersas entre eles e também os dados externos ou estados da natureza.

⁶ Um primeiro esforço sistemático nesse sentido foi tentado por Hayek no seu artigo “*Economics and Knowledge*” de 1937. Duas interpretações desse artigo aparecem em Caldwell, 1988 e Soromenho, 1994.

⁷ Sobre a descrição do mercado em Hayek ver Kirzner, 1979.

Um mercado perfeitamente coordenado é um mecanismo que faz, ao longo do tempo, o melhor uso possível do conhecimento disperso entre os indivíduos⁸.

A coordenação ótima dos mercados não leva ao “pleno-emprego”. Este conceito também não é adequado como categoria teórica para Hayek. A noção de pleno-emprego é objetivante: os fatores produtivos, a cada período, são conhecidos, são dados objetivos, e o pleno-emprego é o máximo de produção obtido pelo uso exaustivo desses recursos, a uma dada tecnologia⁹. O resultado do processo produtivo, no entanto, depende do uso do conhecimento disperso que é subjetivo e não pode *a priori* ser avaliado¹⁰. Assim, a função coordenadora dos mercados não poder ser avaliada por meio desses critérios, mas sim pelo grau em que o conhecimento individual é por eles incorporado.

O papel coordenador do mercado em Hayek é melhor compreendido por meio de uma descrição do processo. Neste ponto, ele nos diz, no artigo de 1937, que o agente, partindo das suas crenças subjetivas, avalia, de início, um contexto situado espaço-temporalmente. A partir daí, formula o seu plano de ação. Todos os demais agentes também o fazem. A ação individual no mercado é orientada por um esforço interpretativo pessoal. De um lado, têm-se uma *realidade externa*, de outro a percepção desta realidade que orienta a ação. Esta realidade externa, ou podemos falar em fatos externos objetivos, não guia diretamente a ação. Os indivíduos formulam seus planos de ação com base nos elementos da percepção recolhidos na esfera do sensorial. De qualquer modo, o mundo externo, a realidade vista de uma posição transcendente, condiciona os elementos da percepção individual e, por conseguinte, a formulação dos planos subjetivos¹¹.

Diferentes Enfoques Subjetivistas

O conceito empregado de “realidade” e a relação entre esta particular concepção, para a teoria, e a percepção subjetiva dos agentes face a ela, são pontos teóricos não inteiramente compartilhados entre os diferentes autores vinculados à tradição austriaca. Este é um dos aspectos que separam os diferentes enfoques subjetivistas encontrados nessa literatura. Podemos inferir da leitura do artigo “*Economics and Knowledge*” que Hayek aceita a dicotomia entre a esfera subjetiva individual e a realidade externa. Ele usa abertamente no artigo em questão o conceito de “dado subjetivo” contrapondo-o a “dados externos” ou “dados objetivos”. Para ele a ação humana é orientada pelos elementos subjetivos, mas em Hayek os dados externos objetivos desempenham um importante papel. Embora enfatize o subjetivismo dos agentes, os assim chamados dados objetivos também participam, na explicação de Hayek, da análise do problema da coordenação. Na definição hayekiana do conceito de equilíbrio, essa condição também requer a correspondência dos planos de ação com os dados objetivos.

⁸ Hayek, “*Economics and Knowledge*”, 1948b.

⁹ Admite-se desemprego friccional. Modernamente, associa-se o pleno emprego à taxa natural de desemprego: tal situação corresponde ao máximo de produção em dado período, conhecidos os fatores produtivos e a tecnologia, sem que haja pressões aceleracionistas sobre a inflação.

¹⁰ A tese do conhecimento subjetivo e disperso é explorada no artigo de Hayek, “*The Use of Knowledge in Society*”, de 1945.

¹¹ Exploraremos melhor este ponto logo adiante.

Se é verdade que tais planos estão subjetivamente formulados, o dado objetivo, ainda assim, desempenha um papel que não pode ser descartado para a análise da coordenação. No que consiste este papel? Os dados objetivos, para Hayek, participam do processo interpretativo dos indivíduos, agindo sobre os elementos da percepção, que são os genuínos pontos de partida da ação. Na epistemologia de Hayek, aceitam-se a existência de uma realidade externa que transcende e, agindo sobre a ordem sensorial, condiciona as percepções individuais.

Reconhecemos no subjetivismo de Hayek a existência de uma tensão: ele não adere a um subjetivismo radical que considera a realidade como estando constituída exclusivamente de percepções¹². A realidade não é, desta forma, somente percepção. Os processos interpretativos não preenchem completamente a realidade. Ao lado destes processos, coexistem os dados transcendentais objetivos. A questão é que esses dados não podem ser objetivados no entendimento da ação humana, como o faz a economia neoclássica. Eles, ainda assim, existem (pertencem à realidade) e desempenham um importante papel no processo de coordenação.

O papel dos dados objetivos não está em orientar diretamente a ação, reside no fato de eles agirem sobre a percepção, ou antes disto, sobre os elementos sensoriais que condicionam a percepção. Por meio desse mecanismo, os dados objetivos intervêm no processo de aprendizagem dos agentes no mercado. Vejamos um exemplo ilustrativo: suponhamos a existência de um choque que incidisse sobre a oferta de um insumo energético básico, aumentando o seu preço de oferta. Os agentes poderiam vir a reformular os seus planos de ação em função desse evento. Este processo depende de como as expectativas seriam por eles revisadas. Alguns agentes acreditam, então, que o choque seja temporário, isto é, os preços futuros desse insumo voltarão a cair no horizonte de planejamento. Outros agentes interpretam o evento como um choque permanente.

O primeiro grupo de indivíduos pouco reformulou os seus planos. O segundo, face às suas expectativas mais pessimistas, implementaram neles um ajuste maior. Um dos dois grupos elaborou expectativas que virão a ser frustradas ao sabor dos acontecimentos. *A priori*, não podemos identificar qual deles. No final do período, os agentes saberiam se os planos de ação foram, ou não, erroneamente revisados. Isto ocorre pela consideração dos fatos externos, o que requer o transcurso de um certo tempo: os preços do fator energético declinaram ou não? Trata-se, portanto, de um dado externo que, impactando os elementos sensoriais da percepção, reformula indiretamente os planos subjetivos. Em última análise, os dados externos têm um papel cognitivo no processo de aprendizagem no mercado.

A existência de um processo coordenador nos mercados pressupõe que os agentes reajam, pelo filtro das percepções, aos sinais da realidade exterior. E que o façam na direção que, no período considerado, deva ser adequada ao processo. A todo momento as expectativas de alguns agentes estão sendo falseadas, mas a crença no mecanismo coordenador do mercado, em Hayek, pressupõe a contínua aprendizagem dos mesmos agentes, e a conseqüente contínua revisão dos planos, no sentido em que se anulariam, ao menos parcialmente, as estratégias de ação equivocadas que vierem, face aos eventos externos, a se mostrar inviáveis.

¹² Ver Caldwell, 1994.

Esta descrição do processo de coordenação carrega para o subjetivismo hayekiano uma certa tensão entre a postura subjetivista radical, que considera a realidade constituindo-se puramente de interpretações, e o tratamento objetivante que, como a economia neoclássica, trata os dados relevantes para a análise econômica como sendo dados objetivos. O enfoque hayekiano fica no meio do caminho.

A abordagem subjetivista radical é defendida por economistas como Lachmann e Shackle¹³. Associamos a ela a idéia de *hermenêutica*: o método de exegese textual¹⁴. Para a *hermenêutica*, o mundo apresenta-se ao agente como um conjunto de significados. Os objetos externos são aqui reduzidos a significados. A interpretação que fazemos de nós mesmos e destes significados é determinante para a ação. Os significados não precisam residir apenas na mente dos indivíduos; há, para a investigação hermenêutica, significados intersubjetivos constituídos a partir das práticas sociais¹⁵. A leitura que os indivíduos fazem desses significados intersubjetivos apresenta elevado grau de convergência nas interpretações. É possível assim descrever aqui a existência de certas regularidades da vida econômica que resistem às idiossincrasias interpretativas individuais. Considerando-se o enfoque do subjetivismo hermenêutico, pode-se reexaminar, sobre outro prisma, o problema da coordenação, embora acreditemos que sobre este enfoque ele se torna ainda mais difícil.

Ciente dessas dificuldades trazidas pela hermenêutica, Hayek evita este caminho, sem o criticar abertamente¹⁶. Outros autores, na linha do subjetivismo radical, como Lachmann, defendem a investigação hermenêutica como um passo seguinte no subjetivismo¹⁷. Para Hayek, este procedimento teórico poderia até mesmo abalar as credenciais da economia como uma disciplina científica. Ele procura separar assim a economia como ciência da economia hermenêutica. Neste sentido, em seu livro "*The Sensory Order*" procurou dar ao subjetivismo um fundamento científico¹⁸. A explicação do processo de coordenação em Hayek é feita nos marcos deste "subjetivismo científico"¹⁹.

No assim chamado subjetivismo científico de Hayek, a função coordenadora dos mercados depende da possibilidade de os agentes certificarem-se, com o tempo, dos eventuais erros cometidos e de efetuarem correções em seu curso de ação. A constatação do erro e as revisões podem ser efetivadas se houver um processo de aprendizagem nos mercados.

Qual a garantia de existência desse processo de aprendizagem? Note-se que para Hayek tal processo não deve ser admitido de antemão. Este é um importante argumento que aparece no artigo "*Economics and Knowledge*". A aquisição do conhecimento necessita, portanto, de ser demonstrada pela teoria. Hayek desenvolve alguns pontos teóricos para essa demonstração. Utiliza, para tanto, ao nosso ver, alguns supostos que serão aqui

¹³ Lachmann, 1976 e Shackle, 1972.

¹⁴ Sobre o papel da hermenêutica na economia ver Ebeling, 1986 e Berger, 1989.

¹⁵ Ebeling, 1986.

¹⁶ Compartilhamos esta interpretação com Caldwell, 1994. Para uma visão contrária ver Burczak, 1994.

¹⁷ Lachmann, 1976.

¹⁸ Hayek, 1952.

¹⁹ Expressão cunhada por Caldwell, 1994.

explicitados. O que diremos a seguir é uma interpretação, ainda provisória, do pensamento do austriaco neste tocante.

Há dois ensinamentos básicos a que os agentes teriam de se submeter afim de que se viabilizasse o processo coordenador do mercado, se é que de fato tal processo existe:

(1) Eles devem desvendar, pelo menos, a parte relevante dos planos de ação dos demais agentes;

(2) Devem coletar os dados do mundo externo que dizem respeito principalmente à escassez relativa dos bens transacionados.

Estas duas ordens de fatos precisam ser comunicadas aos agentes no processo de aprendizagem. Nesse ponto, aparecem algumas dificuldades que o esquema teórico de Hayek procura enfrentar. Os planos de ação dos outros agentes não são conhecidos diretamente. Assim a aprendizagem deve partir da revelação destes planos pela ação. A ação, num dado instante, não revela o seu plano subjacente por inteiro. Somente com uma seqüência conectada de ações, ao longo do tempo, o seu correspondente plano subjetivo, que a condiciona, será revelado.

Enquanto participantes do processo de mercado, porém, não temos contato direto com os demais agentes que nele transacionam. Talvez conheçamos as ações de alguns deles, mas não de todos. Então a aprendizagem não pode se dar a partir da observação direta das ações alheias, mas dos seus efeitos sobre certos elementos determinantes do funcionamento dos mercados. No mercado concorrencial, o principal elemento a ser observado, a fim de realimentarmos, enquanto agentes, as nossas expectativas, é o conjunto de preços relativos vigentes e também a série de preços passados.

Estes preços relativos, atuais e pretéritos, são flexíveis, no sentido de que eles se ajustam em função das condições de oferta e de demanda, em cada instante, de modo a equilibrarem o mercado. Embora o mercado nunca possa concretizar o equilíbrio, os preços sempre respondem às situações de oferta e demanda, com vista ao estabelecimento de um equilíbrio. Só que mudanças nos dados do problema deslocam constantemente o ponto de equilíbrio. Da observação dos movimentos dos preços, os agentes reelaboram os seus planos. Assim, a informação dos preços relativos é um dos principais aspectos que caracterizam o funcionamento dos mercados.

Mas os agentes não agem apenas com base nessas informações. Os preços, em si mesmos, não são um dado inequívoco. Se uma dúzia de maçãs custa cinco reais, esta é uma informação compartilhada por todos os agentes que conhecem o preço vigente nesse mercado específico. O preço, portanto, é um dado compartilhado, mas o significado deste dado para a ação somente é obtido pela subjetividade do agente. O indivíduo avaliará assim, antes de conceber o seu plano, aspectos tais como a utilidade marginal da moeda, o custo de oportunidade de comprar ou vender o produto, a situação dos mercados vizinhos etc. Mais importante ainda é o fato da ação no mercado estar voltada para o futuro. Sempre será importante, para a formulação dos planos de ação, a consideração das expectativas futuras

quanto aos preços. No nosso exemplo, o preço da dúzia de maçãs permaneceria ainda por quanto tempo em cinco reais?

As expectativas não são formuladas apenas com base nos preços correntes. Ainda no exemplo anterior, uma informação sobre as condições climáticas nas regiões produtoras daquela fruta poderia ajudar na construção de expectativas que orientam a ação. Assim, diversos fatos, além do preço, contribuem para a formação das expectativas e dos planos de ação. No mecanismo de revisão das expectativas individuais, existe também um outro aspecto, até aqui ainda não considerado: para que os dados externos (preços, processos produtivos, normas de comportamento etc) tenham algum papel no aprendizado dos agentes, eles precisam apresentar alguma estabilidade dentro de um período de tempo mínimo.

A hipótese de estabilidade dos dados externos, ao menos dentro de um período, é fundamental para que os agentes possam recolher, a partir destes dados, informações úteis para a elaboração dos planos. Para que o dado externo intervenha na percepção dos agentes, ou antes disso, para que ele afete os elementos sensoriais da percepção individual, ele deve apresentar-se diante do indivíduo com uma certa constância, ou seja, um certo tipo de estabilidade de curto prazo. A hipótese de mudança contínua dos dados externos deve então ser substituída por um modelo com mudanças discretas e sua estabilidade dentro de intervalos relativamente pequenos.

Esta é a maneira como os elementos sensoriais poderiam se sensibilizar com os eventos externos aos indivíduos. Assim, se o preço da maçã se altera continuamente, ora para cima, ora para baixo, sem nenhum padrão de mudança discernível, este processo não traria resultado algum para a percepção. Tal preço, então, passa a ser um dado objetivo, que não altera nossa formulação subjetiva das condições em que se operará a ação. Se o preço da dúzia de maçãs é agora, como postulamos, cinco reais, e pode instantaneamente subir ou descer, saltando para qualquer outro valor, que informações se pode retirar daí? Podemos comprar ou vender urgentemente a referida mercadoria antes que seu preço se altere, mas mesmo assim não temos garantia de que entre a constatação do preço e a efetivação do ato de compra ele não se tenha alterado. Podemos imaginar situações onde as compras são instantâneas, aí, porém, o agente já precisaria estar no mercado e, com isto, regredimos o problema para a investigação de como as expectativas anteriores conduziram o indivíduo ao mercado.

Não estamos dizendo aqui que o preço dos bens, relevante para a elaboração dos planos, precisa ser constante. A dúzia de maçãs pode ter seu preço crescente ou decrescente. O importante é que possa ser identificado pela percepção de um padrão recorrente, mesmo que só para um curto prazo.

O papel coordenador do mercado em Hayek pressupõe uma certa constância dos dados externos para que se dê efetivamente o processo de aprendizagem dos agentes. A identificação desses pontos nos permite agora fazer a comparação com o subjetivismo radical de Lachmann e Shackle, e identificarmos por que na visão hermenêutica dos processos de mercado a coordenação se torna um problema ainda mais difícil.

Explicações para o Problema da Coordenação: Hayek e o Enfoque Hermenêutico

Hayek, embora subjetivista, acredita na existência de um mundo externo ao indivíduo, um mundo transcendental que realimenta a percepção. Para a visão hermenêutica, ao contrário, o mundo é, na sua totalidade, a todo momento criado e recriado pela interpretação individual. Não há aqui uma realidade fora das percepções subjetivas. A realidade é só percepção. Falar em coordenação destas percepções sem pressupor uma realidade externa e objetiva na qual elas são coordenadas, torna-se um problema muito complexo. Como definir coordenação neste contexto? Se isto significa postular a sobreposição parcial de expectativas individuais formuladas a partir de um mundo subjetivamente criado por cada um, por qual processo se daria esta coincidência de mundos e de expectativas? Autores subjetivistas radicais, de fato, reconheceram estas dificuldades. Lachmann e Shackle preferem simplesmente afastar o problema da coordenação de seus programas de pesquisa. Para Lachmann, a coordenação dos agentes é uma questão que não pode ser demonstrada, podemos apenas postulá-la ou não. Shackle também mostra-se bastante pessimista quanto à possibilidade de uma investigação científica proveitosa dessa problemática. Não é difícil reconhecer que esta postura decorre do subjetivismo extremado daqueles autores.

No subjetivismo radical de Lachmann, a hipótese da estabilidade dos dados externos no curto prazo, que identificamos no trabalho de Hayek, como condição para que eles impactem a percepção, jamais poderia ser aceita. Não só porque no enfoque subjetivista daquele autor não têm sentido se falar de dados que fogem da percepção, como também porque, na visão de Lachmann, a realidade, constituída toda ela por elementos subjetivos, está em contínuas transformações radicais.

Esta descrição da realidade como um processo de mudanças contínuas aparece também nos trabalhos de Shackle. Aqui o modelo de um caleidoscópio é usado para ilustrar o fato de os mercados apresentarem mudanças contínuas em seu padrão. No processo caleidoscópico de Shackle, momentos de ordem são rompidos em um novo padrão. No mercado, mudanças inesperadas ocorrem cedo ou tarde, assim um padrão ordenado é constantemente rompido. De um padrão a outro, há uma descontinuidade, analogamente às figuras projetadas num caleidoscópio que, ao menor giro do aparelho, mudam radicalmente de forma. Hayek não adere a esse modelo de mudanças radicais intermitentes. O processo de coordenação que analisa parte da idéia de algum tipo de constância nos dados externos. Há um padrão externo, discernível pela mente, que afeta a formação do conhecimento subjetivo.

Insistimos na comparação do subjetivismo de Hayek com o de outros economistas austríacos, para melhor compreendermos a especificidade da contribuição do primeiro. A fim de demarcarmos as diferenças entre eles, quanto à natureza do subjetivismo empregado em cada caso, recoloquemos a análise do problema da coordenação. Hayek, mais do que os outros autores aqui considerados, demonstra confiança de que esta é uma questão que poderia ser resolvida pela economia subjetiva. Na visão dos subjetivistas radicais, como vimos, há menos otimismo quanto à solubilidade do problema. Estas diferenças refletem as variações no subjetivismo empregado. Hayek enfrenta o problema da coordenação do mercado à luz do seu "subjetivismo científico". No subjetivismo extremado de Lachmann, Shackle e outros, a coordenação é vista do ponto de vista interpretativo. É o que

denominamos anteriormente de visão hermenêutica da realidade econômica. A centralidade da hermenêutica para o processo de coordenação é destacada por R. Ebeling:

*"The economic problem can usefully be understood as a hermeneutical problem, i.e., as a problem of interpreting and undertaking what another means and intends in his words and deeds, what Max Weber called the problem of "mutual orientation" in the arena of social action"*²⁰

Ao apontarem a centralidade da hermenêutica para o problema econômico, os subjetivistas radicais estão apenas fazendo coro a trabalhos que já haviam sido desenvolvidos por outras ciências sociais e pela filosofia. Hermenêutica, como sabemos, é um método de exegese textual, empregado para desvendar significados em textos em cuja concepção estão distanciados de seus leitores no espaço e no tempo. O processo hermenêutico difere da comunicação direta, do tipo face a face, entre os membros de um mesmo grupo humano. Esta comunicação se dá pela linguagem comum dos interlocutores. A cada palavra ou conceito empregados, há um elevado grau de interpenetração dos significados a eles atribuídos por um e outro dos indivíduos envolvidos. Existe aqui uma vivência comum que evita maiores divergências interpretativas. A interpretação, na comunicação direta, não se constitui um problema, dada a compreensão imediata dos significados.

Na leitura de textos, em que temos acesso inicial apenas à palavra escrita, dependendo da distância que nos separa das condições gerais em que este texto fora concebido, aparece um legítimo problema de interpretação textual, ressaltando-se assim a sua dimensão hermenêutica. Os que identificam nas relações econômicas esta dimensão, acreditam que os indivíduos, no mercado, ao procurarem orientar suas próprias ações com base na ação percebida dos demais, estão envolvidos com o problema de interpretar as ações dos outros atores, atribuindo-lhes um significado. E tal processo apresentaria dificuldades análogas ao problema da interpretação textual.

Se a interpretação dos significados da ação dos demais atores no mercado não é trivial, mas um processo hermenêutico por parte dos agentes, isto dificulta a explicação da coordenação entre todos os agentes. Acredita-se, aqui, que o agente tem um conhecimento subjetivo radical, não apenas de gostos e preferências, mas também um subjetivismo de perspectiva, de percepção e de propósitos que dão um significado à ação. O mesmo agente orienta as suas ações por um processo interpretativo. Sendo assim, como é possível a coordenação?

Na hermenêutica da exegese textual buscam-se o significado apropriado, o uso e a conotação das palavras, tomando-se o contexto global em que elas apareceram. Para o subjetivismo radical, o mesmo vale no mundo da ação humana. Há um contexto a ser identificado que aponta para o melhor significado que podemos atribuir à ação. Cada agente no mercado busca decifrar este contexto, a fim de melhor interpretar a ação. Cada um deles chega a uma interpretação subjetiva dos elementos que dão significado à ação. Nesse contexto, para que ocorra coordenação nos mercados, deve existir, entre outras coisas, algum mecanismo de convergência das interpretações dos agentes. Como identificar e

²⁰ Ebeling, p.40.

descrever esse mecanismo? Esta é uma questão difícil, não inteiramente respondida pelo subjetivismo hermenêutico.

O mercado está exercendo a sua pretensa função coordenadora se existir, ao longo do tempo, um processo adequado de orientação mútua entre os agentes. A boa orientação recíproca dos agentes envolve a formação de expectativas individuais que antecipem corretamente as atitudes, as condutas e as respostas interpessoais futuras. A explicação do processo de coordenação para o subjetivismo radical envolve a compreensão de como estas expectativas são formadas e alteradas. Entre os adeptos dessa visão, não há consenso neste ponto. Podemos destacar, no entanto, a estratégia de explicação desenvolvida por Lachmann e compartilhada por outros autores. Aqui, parte-se da idéia de que os agentes econômicos estão inseridos em um mundo social comum. O fato de eles pertencerem a este mundo comum cria mecanismos que permitem a convergência dos significados percebidos por cada qual. Esta convergência é fácil de se notar para o caso das interpretações das palavras proferidas na comunicação oral direta. Acredita-se aqui, porém, que o entendimento do significado de nossas ações também é convergente. Isto porque os indivíduos compartilham, na sociedade, estruturas de significados intersubjetivos. Anteriormente, de passagem, já havíamos destacado este ponto: para alguns subjetivistas radicais os significados dos fatos e dos conceitos econômicos estão institucionalizados. Lachmann acredita na existência destes significados intersubjetivos, que funcionariam como pontos nodais para a sociedade, e que poderiam permitir a orientação mútua e a possível coordenação de uma multidão de planos humanos individuais.

Os próprios conceitos econômicos são, para o subjetivismo hermenêutico, carregados de significados, tais como os conceitos de preços, mercadorias, produção, mercados, compradores, vendedores, competição e acordo mútuo, entre outros. Lachmann acredita que o significado assinalado pelos atores a estes conceitos não são significados totalmente privados. Muitos desses significados são compartilhados. Os atores os adotam e expressam através da estrutura de significados intersubjetiva.

Lachman não diz que essa postulada estrutura garanta o processo de coordenação, mas, ao menos, facilita-o, torna-o mais plausível. Resta ainda explicar em que consiste a estrutura de significados intersubjetivos e como poderíamos demonstrar a sua existência. Neste ponto, Lachmann parece apoiar-se na sociologia de Max Weber. Weber, aliás, antes disso, influenciara fortemente as idéias de Mises e a metodologia dos austríacos.

A categoria weberiana de "tipo ideal" é central na explicação destas estruturas de significados intersubjetiva. Para melhor compreendê-la, recorremos aqui à exposição feita no artigo de Ebeling. Ele nos diz que as relações entre os homens estão situadas em algum ponto intermediário entre dois casos polares: relações impessoais e anônimas e relações com contato direto entre os indivíduos do tipo "face a face". Nas relações anônimas, os indivíduos atribuem-se uns aos outros os traços mais genéricos e peculiares à espécie humana. Não há um nível mais detalhado e específico de identificação e caracterização do outro. Nas relações "face a face", os indivíduos que interagem entre si consideram, para este efeito, os atributos específicos que configuram a outra pessoa imediatamente presente. O "tipo ideal" weberiano é uma construção que não tipifica os homens como um todo, como nas relações anônimas, e nem tipifica um homem específico, como nas relações diretas. Os

homens são enquadrados, na idéia de tipo ideal, pelos seus papéis sociais básicos. Assim os agentes, ao construir uma imagem do outro, utilizam-se e guiam-se pelos tipos ideais.

A construção de tipos ideais pelos agentes no mercado é uma maneira de se enfrentar a ausência de conhecimento perfeito. No mercado ocorre a ampla interconecção de tipificações ideais específicas. Para compreender o outro agente, e para antecipar corretamente a sua conduta, cada agente usa, na formulação de suas expectativas, imagens que foram construídas a partir da consideração dos tipos ideais. Então a tipificação ideal é usada pelo agente para atribuir um significado aos conceitos econômicos. A partir daí, decorreria, com maior plausibilidade, o processo de coordenação.

É útil, para nossos propósitos, investigar o que Hayek teria a dizer dessas considerações feitas pela economia hermenêutica. Estamos, neste ponto, com Caldwell que não acredita que Hayek tenha incorporado em seus trabalhos a visão hermenêutica do processo de coordenação. O que não significa, nos lembra Caldwell, que Hayek tenha combatido este tipo de explicação. Ele simplesmente optou por outra estratégia que lhe asseguraria uma maior confiança na cientificidade da explicação empregada²¹. Podemos, provisoriamente, expor os pontos principais que, de fato, demarcam a visão do austríaco do enfoque hermenêutico.

(1) Para a hermenêutica, o processo econômico é movido pela auto-orientação dos indivíduos, a partir dos significados percebidos. Nessa visão, os elementos da realidade econômica são constituídos exclusivamente por significados. Nada foge da interpretação subjetiva dos agentes.

(2) Para Hayek, há elementos externos aos agentes, os dados da realidade externa, que interferem no processo de coordenação, ao afetarem a formação das crenças subjetivas. A maneira como isto se dá diz respeito à interação do aparato mental com o seu entorno. Hayek está preocupado em descrever como a ordem sensorial interfere na formação do conhecimento. Já a economia subjetiva radical está preocupada em entender como são atribuídos, pelo agente, significados aos elementos da realidade econômica.

Há outros pontos que separam a visão de Hayek da economia hermenêutica, como o papel e a natureza das expectativas individuais. Deixemos o tratamento desta questão para logo mais. Por enquanto, queremos ressaltar as diferenças já apontadas. Os escritos dos subjetivistas radicais, como Lachmann e Ebeling, embora reconhecendo a importância e originalidade da contribuição de Hayek, o critica em um ou outro ponto. Retomando estas críticas podemos compreender melhor as diferenças que os separam de Hayek. Para tanto, veremos a seguir uma importante polêmica entre Hayek e os subjetivistas radicais: sobre o papel do sistema de preços no processo de coordenação dos mercados.

Sistema de Preços e Processos Coordenadores

Em 1945, Hayek publicou o artigo "*The Use of Knowledge in Society*", onde ele enfatiza o papel dos preços de mercado²². A existência de uma estrutura de preços nas

²¹ Caldwell, 1994, p. 305-13.

²² Hayek, 1945.

economias de mercado é considerada por Hayek como um importante dispositivo de economia de informação que permitiria a utilização do conhecimento que comanda a ação disperso entre as mentes dos indivíduos. Conhecimento este incompleto e freqüentemente contraditório. Hayek também afirma nesse artigo que os preços têm um importante papel na coordenação interpessoal das ações individuais dos agentes. Graças aos preços flexíveis apontados em cada mercado, os agentes conseguem identificar erros em suas expectativas e rever seus planos na direção adequada. Os agentes não precisam conhecer as causas reais, os eventos que alteraram o estado da natureza, do desapontamento de suas expectativas. Basta que se orientem pelos preços e poderão assim reavaliar corretamente seus planos de ação. Numa passagem Hayek diz:

*"Fundamentally, in a system where the knowledge of the relevant facts is dispersed among many people, prices can act to coordinate the separate actions of different people in the same way as subjective values helps the individual to coordinate the parts of his plan"*²³.

Os subjetivistas radicais condenam a teoria de coordenação dos mercados de Hayek, tal como exposta no artigo de 45, que enfatiza sobremaneira o papel coordenador dos preços. A conhecida idéia hayekiana, de que os preços de mercado funcionam como um vasto sistema de telecomunicação, é criticada por passar uma idéia, segundo aqueles autores, de que a informação transmitida pelos preços é inequívoca, isenta de qualquer tipo de ambigüidade. Ebeling nos diz que se os mercados estão em desequilíbrio, como no modelo de Hayek, há uma ambigüidade nos preços, isto é, eles transmitem um tipo de informação incompleta que requer um exercício de interpretação:

*"A seller finds himself with unsold inventory of a product in excess of desired levels at a particular price. But what exactly is the market telling him at that price? That he needs to reallocate his store? That he has failed to advertise the existence or availability of the product sufficiently? That the price is "right" but the quality or characteristics of the product is "wrong"? What the price has conveyed is information that something is wrong, that the seller's plans and expectations are inconsistent with those of others. It has not unambiguously told him in which direction the error lies."*²⁴.

Os subjetivistas radicais apontam para a natureza ambígua e problemática da mensagem transmitida pelo sistema de preços. Apenas por intermédio da interpretação, a informação dos preços pode gerar um conhecimento subjetivo que alimenta os planos de ação. Lachmann, em mais de uma passagem, é bastante incisivo neste ponto:

*"In a world of continuous change, prices are no longer in all circumstances a safe guide to action... [price] information therefore requires interpretation (the messages here to be "decoded") in order to be transformed into knowledge, and all such knowledge is bound to be imperfect knowledge..."*²⁵.

²³ Hayek, 1945, p.526.

²⁴ Ebeling, p.45.

²⁵ Lachmann, p.45.

Ebelling propõe que o problema da coordenação seja repensado a partir de uma descrição básica que incorpore os seguintes pontos:

- (1) Os agentes possuem um estoque de experiências;
- (2) Com base neste, formulam tipificações ideais específicas e
- (3) Esta tipificação ideal é usada para interpretar as informações transmitidas pelo mercado na forma de preços.

Até que ponto Hayek aceita os elementos principais do programa de pesquisa do subjetivismo radical? Teria este autor superestimado o papel informacional dos preços, sem considerar que os preços, por si só, não geram conhecimento para orientar a ação? Uma leitura superficial de alguns escritos de Hayek poderia dar a entender que ele exagerou ao descrever o papel informacional dos preços. Analisemos o fragmento do artigo *"The Use of Knowledge in Society"* que citamos anteriormente. Aqui ele diz que os preços *podem* agir no sentido de coordenar os planos individuais. Hayek não diz que os preços coordenam tais planos, mas que eles *podem* vir a coordená-los. A esta afirmação, caberiam duas maneiras de interpretá-la:

- (1) Os preços de mercado somente coordenam as ações às vezes, ou
- (2) O sistema de preços exerce a sua função coordenadora desde que simultaneamente todas as outras informações do mercado estejam sendo corretamente processadas, de modo que o conhecimento final das circunstâncias, formulado pelo agente, não alimente falsas expectativas.

Que a informação dos preços não encerra toda a problemática do conhecimento obtido nos mercados, já havia sido ressaltado em outros escritos, muito anteriores a esse, de Hayek. No artigo *"Economics and Knowledge"*, ele escreve:

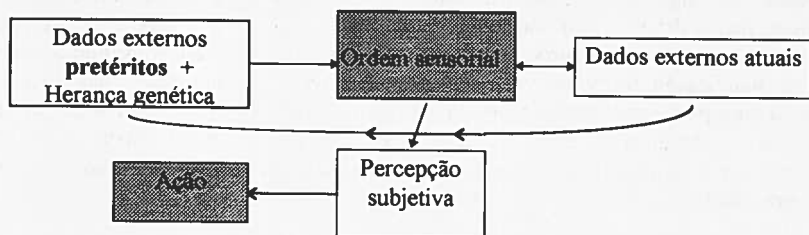
*"... price expectations and even the knowledge of current prices are only a very small section of the problem of knowledge as I see it. The wider aspect of the problem of knowledge with which I am concerned is the knowledge of the basic fact of how the different commodities can be obtained and used..."*²⁶

A informação dos preços, por si só, não garante, para Hayek, o processo de coordenação. No modelo de Hayek de mercado, os preços representam um dado externo objetivo. É um padrão externo que incidirá nos planos de ação individual na medida em que este padrão interage com a ordem sensorial e remodela as percepções subjetivas. Sendo assim, no que essa descrição hayekiana do papel dos preços difere do enfoque subjetivista radical de Lachmann, Ebelling e outros? Para responder a esta questão, recapitulemos como o conhecimento que condiciona a ação é obtido em cada um dos modelos.

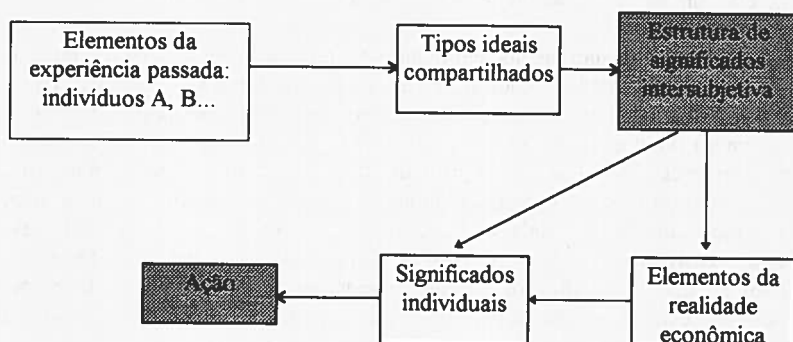
O diagrama abaixo sintetiza cada um dos enfoques:

²⁶ Hayek, 1937, p.51.

(1) Modelo de Hayek:



(2) Subjetivismo hermenêutico:



Para Hayek, os dados externos atuais, entre eles a informação dos preços, agem sobre a mente do indivíduo (aparato para a obtenção do conhecimento). Nela é formulada uma percepção particular dos fatos externos. Chega-se a uma percepção subjetiva global dos fatos envolvidos na circunstância em questão. No caso, os preços e as demais informações obtidas pelos indivíduos no mercado determinam o conhecimento requerido para a ação. A ordem sensorial, isto é, o aparato do conhecimento em si mesmo, é uma configuração que se altera dinamicamente ao sabor dos dados observados no passado.

Os preços de mercado, enquanto um dado externo aos indivíduos, não geram diretamente conhecimento para a ação. As informações dos preços sensibilizam a ordem sensorial e se somam a diferentes outras informações externas que então sendo simultaneamente processadas pela mente. A totalidade de informações recolhidas pela mente leva, para uma dada ordem sensorial, à geração do conhecimento subjetivo que orienta a ação. Neste processo, altera-se continuamente o quadro presente da ordem sensorial.

Podemos dizer que esse modelo é uma forma rebuscada de dizer que a mente, enfim, interpreta os dados da realidade, como a informação dos preços. Neste caso, porém, a idéia de interpretação dos dados externos não corresponde à descrição do subjetivismo hermenêutico. Para este, como mostra o segundo diagrama anterior, os elementos da

realidade econômica, o sistema de preços, são interpretados pelos indivíduos, ou seja, ganham assim uma significação específica. Isto ocorre com base não apenas nos elementos recolhidos na mente do indivíduo, mas também utilizando-se outros elementos da realidade que fornecem um guia para o processo de interpretação e que estão constituídos numa estrutura de significação intersubjetiva. Essa estrutura é externa ao indivíduo, mas participa do processo interpretativo. A obtenção do conhecimento não é prerrogativa da mente enquanto aparato dinâmico destinado a tal fim. Para o subjetivismo hermenêutico, este processo é, em parte, um processo social. A interpretação dos preços, em Hayek, é um processo individual.

Ebelling comete um engano ao dizer que Hayek não considera a necessidade do agente interpretar os preços para o processo de coordenação. O ponto que separa o seu modelo do de Hayek é que, enquanto para Ebelling a interpretação é um processo social, neste último ela é um ato da mente do indivíduo isoladamente considerado.

Estas diferenças de abordagens têm poderosas implicações que tornam o modelo de Hayek singular e inconfundível com outras variantes do pensamento neo-austriaco. Para ele, os dados externos ao indivíduo são os estados da natureza, condições objetivas em que os recursos podem ser obtidos, e os planos subjetivos, já concebidos, de outros indivíduos. No subjetivismo hermenêutico, não se aceita propriamente esta dicotomia entre dados externos e internos: os elementos da realidade econômica são todos, de certa forma, elementos internos aos indivíduos, na medida em que são essencialmente entidades dotadas de significados apreensíveis pelos mesmos. Mas, por outro lado, são também dados externos aos indivíduos já que os significados cristalizam-se na esfera intersubjetiva. Hayek nunca utilizou, na sua explicação do processo de coordenação, a idéia de significados intersubjetivos que orientam a ação.

O processo de coordenação pressupõe, obviamente, a convergência de certos elementos. Enquanto para o subjetivismo hermenêutico acredita-se na convergência de elementos simbólicos, para Hayek tal convergência deve localizar-se em outras províncias.

Bibliografia

- Agonito, Rosemary (1975) 'Hayek Revisited: Mind as a Process of Classification', *Behaviorism*, 3, 2.
- Berger, Lawrence A. (1989) 'Economics and Hermeneutics', *Economics and Philosophy*, 5.
- Buchanan, James M. and Vamberg, Viktor J. (1991) 'The Market as a Creative Process', *Economics and Philosophy*, 7.
- Butos, William N. (1985) 'Hayek and General Equilibrium Analysis', *Southern Economic Journal*, 52, 2.
- Butos, William N. and Koppl, Roger G. (1995) 'The Varieties of Subjectivism: Keynes and Hayek on Expectations', Trinity College and Fairleigh Dickinson University, VIA INTERNET.
- Burczak, Theodore A. (1994) 'Reply to Bruce Caldwell', *Economics and Philosophy*, 10.
- Caldwell, Bruce J. (1988) 'Hayek's Transformation', *History of Political Economy*, 20, 4.
- Caldwell, Bruce J. (1994) 'Hayek's Scientific Subjectivism', *Economics and Philosophy*, 10.

- Coats, A. (1983) 'The Revival of Subjectivism in Economics', in: Wiseman, Jack (ed.), *Beyond Positive Economics*, St. Martin's Press.
- Cubeddu, Raimondo (1993) *The Philosophy of the Austrian School*, London and New York, Routledge.
- Ebeling, Richard M. (1986), 'Toward a Hermeneutical Economics: Expectations, Prices, and the Role of Interpretation in a Theory of the Market Process'. In: *Subjectivism, Intelligibility and Economic Understanding: essays in honor of Ludwig M. Lachmann on his eightieth birthday*, edited by Israel M. Kirzner, New York, New York University Press.
- Hayek F. A. von (1942) 'Scientism and The Study of Society', *Economica*.
- Hayek, F. A. von (1945) 'The Use of Knowledge in Society', *American Economic Review*, 35, 4.
- Hayek, F. A. von (1948a) 'Individualism: True and False', in: *Individualism and Economic Order*, Indiana, Gateway.
- Hayek, F. A. von (1948b) 'Economics and Knowledge', in: *Individualism...*, op.cit.
- Hayek, Friedrich A. (1952) *The Sensory Order - An Inquiry into the Foundations of Theoretical Psychology*, London, Routledge & Kegan Paul (prefácio).
- Hayek, F. A. von (1955) *The Counter-Revolution of Science: Studies on The Abuse of Reason*, Free Press.
- Hayek, F. A. von (1960) *The Constitution of Liberty*, London & Chicago.
- Hayek, F. A. von (1967a) 'Notes on The Evolution of Systems of Rules of Conduct', in: Hayek, F. A. von, *Studies in Philosophy, Politics and Economics*, Chicago, University of Chicago Press.
- Hayek, F. A. von (1967b) 'The Theory of Complex Phenomena', in: Hayek, F. A. von, *Studies...*, op.cit.
- Hayek, F. A. von (1967c) 'The Results of Human Action But Not of Human Design', in: Hayek, F. A. von, *Studies...*, op.cit.
- Hayek, F. A. von (1967d) 'Degrees of Explanation', in: Hayek, F. A. von, *Studies...*, op.cit.
- Hayek, F. A. von (1967e) 'Kinds of Rationalism', in: Hayek, F. A. von, *Studies...*, op.cit.
- Hayek, F. A. von (1967f) 'Rules, Perception and Intelligibility', in: Hayek, F. A. von, *Studies...*, op.cit.
- Hayek, F. A. von (1982a) 'The Pretense of Knowledge', in: Hayek, F. A. von, *New Studies in Philosophy, Economics and The History of Ideas*, London and Helley, Routledge and Kegan Paul.
- Hayek, F. A. von (1982b) 'The Primacy of Abstract', in: Hayek, F. A. von, *New Studies...*, op. cit.
- Hayek, F. A. von (1982c) 'The Errors of Constructivism', in: Hayek, F. A. von, *New Studies...*, op.cit.
- Hayek, F. A. von (1985), *Direito, Legislação e Liberdade*, vols. 1 e 2, São Paulo, Visão, 1985.
- Hayek, F. A. von (1989), *The Fatal Conceit: The Errors of Socialism*, New York, Routledge.
- Horwitz, Steven, 'From The Sensory Order to the Liberal Order: Mind, Economy, and State in the Thought of F.A. Hayek', in: *The Legacy of F. A. Hayek*, The Mont Pelerin Society.
- Kirzner, Israel M. (1979) 'Hayek, Knowledge and Market Process', in: Kirzner, I.M. *Perception, Opportunity and Profit: Studies in the Theory of Entrepreneurship*, Chicago, The University of Chicago Press.

- Kizner, Israel M. 'Knowing about Knowledge: a Subjectivist Theory of the Role of Information', in: Kirzner, I.M. *Perception, Opportunity and Profit* (op. cit.)
- Lachmann, Ludwig M. (1976) 'From Mises to Shackle: An Essay on Austrian Economics and the Kaleidic Society', *Journal of Economic Literature*, 54, p.62.
- Lavoie, Don, 'Understanding Differently: Hermeneutics and the Spontaneous Order of Communicative Process'.
- Lavoie, Don, 'The Market As a Procedure for Discovery and Conveyance of Inarticulate Knowledge'.
- Littlechild, Stephen (1993) 'Subjectivism and Method in Economics', in: Wiseman, Jack (ed.), *Beyond Positive Economics?* St. Martin's Press.
- Loasby, Brian, (1993) 'Knowledge, Learning and Enterprise', in: Wiseman, J. (ed.), *Beyond Positive Economics?* St. Martin's Press.
- Mises, Ludwig von (1949) *Human Action: A Treatise on Economics*, New Haven: Yale University Press.
- Mises, Ludwig von (1976) *Epistemological Problems of Economics*, New York: New York University Press.
- Soromenho, Jorge E.C. (1994) *Um Estudo sobre as Origens da Crítica de Hayek ao Conceito de Equilíbrio*, São Paulo, IPE/USP, mimeo, (tese de doutoramento).
- Shackle, G.L.S. (1972) *Epistemics and Economics*, London, Cambridge University Press.
- Vlieghe (1992) 'A Reappraisal of F.A. Hayek's Cultural Evolutionism', *Economics and Philosophy*, 10.
- Wiseman, J. (1983) 'Subjectivism and Method in Economics', in: Wiseman, J. (ed.) *Beyond Positive Economics?*, St. Martin's Press.